



Comunicação e Produção da Diferença: filosofia, culturas, etni-cidades e ecologia¹

Coordenação:

Prof. Dr. Leonel Azevedo de Aguiar (PUC-Rio)

Participantes:

Prof. Dr. Pasqualino Romano Magnavita², docente, UFBA

Prof^a. Dr^a. Angela Schaun³, docente, UPM

Prof. Dr. Mohammed ElHajji⁴, docente, UFRJ

Prof. Dr. Leonel Azevedo de Aguiar⁵, docente, PUC-Rio

Resumo

Contribuir com enfoques transdisciplinares para o campo das Teorias da Comunicação, a partir da noção de diferença e da questão das identidades, é o principal objetivo da mesa-redonda composta por quatro pesquisadores-professores. Retomando o conceito de diferença na Filosofia, discute os processos de comunicação utilizados no marketing e nas minorias que atuam na inclusão estética e étnica dos afro-descendentes na mídia. Contextualiza a comunicação intercultural e as mídias comunitárias, vinculando-as ao multiculturalismo e as identidades e identificações transnacionais. Empreende a análise da ordem do discurso ecológico presente na mídia em suas perspectivas antropocêntrica e biocêntrica.

Palavras-chave

Comunicação; filosofia; etnicidades; culturas; ecologia.

Proposta da Mesa

A proposta dessa mesa-redonda é contribuir com o campo das Teorias da Comunicação a partir de reflexões que tomam como condições de possibilidade para pensamento comunicacional contemporâneo a noção de diferença. Ao realizar um amplo diálogo entre pensadores que são agrupados sob o rótulo acadêmico de pós-estruturalismo – entre eles, Deleuze, Foucault e Guattari – e inúmeros autores que estudam a comunicação intercultural, pretendemos trabalhar a produção da diferença na

¹ Mesa apresentada no III Colóquio Multitemáticos em Comunicação – Multicom, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² **Pasqualino Romano Magnavita** é Arquiteto e Doutor pela Universidade de Roma, professor e pesquisador Sênior do CNPq junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Professor Emérito da UFBA. Atualmente é Vice-Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Estado da Bahia.

³ **Angela Schaun** é doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professora adjunta e coordenadora de Extensão do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CCL – UPM).

⁴ **Mohammed ElHajji** é Doutor em Comunicação, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tutor do PET-ECO: www.eco.ufrj.br/pet. Uma parte de sua pesquisa relacionada à questão das identidades étnicas pode ser conferida no site: www.etni-cidade.net.

⁵ **Leonel Azevedo de Aguiar** é Doutor em Comunicação pela UFRJ e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio. Exerce o cargo de coordenador do Curso de Jornalismo e também leciona na graduação do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.



filosofia, nas culturas negras reterritorializadas na Bahia, no devir comunicacional das etni-cidades e nos discursos ecológicos da tradição e da modernidade.

Resumo 1

A filosofia da Diferença: processos de comunicação e marketing

Prof. Dr. Pasqualino Romano Magnavita, UFBA

A filosofia como forma de pensar e criar tem como especificidade traçar um Plano de Imanência e criar conceitos, construindo, assim, a imagem que faz de si o pensamento. A filosofia é um construtivismo e se define como conhecimento por puros conceitos. Na conhecida metáfora deleuzeana associam-se os conceitos a vagas múltiplas que se erguem e se abaixam e o Plano de Imanência a vaga única que os enrola e desenrola.

Um dos conceitos mais presente no pensamento contemporâneo é o de *Diferença*. Trata-se de um *Virtual* (incorporal) que se atualiza, *Atual*, nas formações discursivas do universo epistemológico. Na ontologia clássica quanto no pensamento moderno, o conceito de Diferença esteve sempre subordinado ao conceito de Identidade ou, melhor dizendo, subjugado à *Identidade do conceito* que, conjuntamente com a *Analogia* do juízo, *Oposição* dos predicados e *Semelhança* do percebido, configurando assim, a guisa de princípios, o mundo da representação, sob a égide da lógica binária e do modelo de pensar arborescente (árvore-estrutura).

A identidade (o Mesmo, o Igual) pressupõe a permanência de uma essência, entretanto, considerando que os processos da existência se configuram em permanentes transformações, as coisas de fato se repetem, todavia a Repetição ocorre com Diferença, diferenciando-se. O par conceitual *Diferença/Repetição* torna-se uma relação indissociável, todavia, vale observar que a repetição com diferença, ocorre de fato, em estados de coisas, corpos ou vividos, e isso, enquanto diferença apenas de *nível* ou de *grau*. Outra coisa é *Diferença de natureza*, no sentido de um *Acontecimento* (criação), de um *Devir-outro*.

Pode parecer paradoxal para os hábitos culturais herdados da modernidade, afirmar que a filosofia não contempla, não reflete e *não comunica*, fato pode parecer um não senso. Todavia, a filosofia cria conceitos para essas ações e paixões. Igualmente pode parecer paradoxal afirmar que *não existem conceitos científicos*, os conceitos são filosóficos, pois, enquanto virtuais, incorporais, eles se atualizam nos discurso



científicos com seus enunciados, proposições e lógicas, porém, os conceitos não são científicos.

Vale salientar que hoje o termo conceito atinge um grau de apropriação e banalização em certos saberes e práticas sociais da informação e comunicação midiática. A informática, o marketing, o design, a publicidade, o jornalismo, enfim, diversas disciplinas da comunicação apoderaram-se da própria palavra conceito. Em relação a esta indevida apropriação Deleuze e Guattari comentam:

(...) todas as disciplinas da comunicação apoderaram-se da própria palavra conceito e disseram: é nosso negócio, somos nós os criativos, nós somos os *conceituadores*! Somos nós os amigos do conceito, nós os colocamos nos computadores. Informação e criatividade, conceito e empresa: uma abundante bibliografia já... O marketing reteve a idéia de certa relação entre o *conceito* e o *acontecimento*; mas eis que o conceito se tornou o conjunto das apresentações o conjunto das apresentações de um produto (histórico, científico, artístico, sexual, pragmático...), e o acontecimento, a exposição que põem em cena apresentações diversas e a “troca de idéias” à qual dá lugar. Os únicos acontecimentos são as exposições, e os únicos conceitos, produtos que se pode vender (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 19). Grifo nosso.

O simulacro de um produto tornou-se o verdadeiro conceito e o apresentador-expositor de mercadorias, tornou-se filósofo. Lamentável reconhecer que *Conceito* designe uma sociedade de serviços, em que a informação e a comunicação consolidadas nos processos midiáticos, são responsáveis pela construção das subjetividades individuais e coletivas orientadas para o consumo. A apropriação banalizada da especificidade da filosofia, enquanto criadora de conceitos, acaba nos levando a usar sem perceber, a invisível “*coleira eletrônica*” de que fala Deleuze, e isso, no seio das “*Sociedades de Controle*” (DELEUZE, 2000, p. 219).

Em nossas sociedades pós-industriais com base nas tecnologias avançadas de informação e comunicação, imersas que estão nos híbridos processos de globalização, via de regra, tudo se torna mercadoria, inclusive os conceitos, subtraindo seu papel de promotores de um processo de emancipação, e isso, no sentido de um *Devir-outro*, uma nova visão do mundo, ou seja, uma nova ética. Ao contrário, sob o impacto da enganosa simulação conceitual que alimenta os processos de construção de subjetividades individuais e coletivas, essa banalização conceitual, acaba contribuindo para a contínua sujeição ao mercado, ao consumismo sem freios.

Nessa breve exposição fica a questão: como criar *Diferença* de natureza nas novas formas de resistência para enfrentar os eficientes “dispositivos” eletrônicos das sociedades de controle? Que formas criativas por vir serão capaz de combater as ilusões



e alegrias do marketing que os *conceituadores* promovem? Vale salientar que não vivemos mais o momento da sociedade industrial com base disciplinar dos indivíduos em espaços institucionais fechados (família, escola, fábrica, entre outros estudados por Foucault). Hoje, nas sociedades pós-industriais, os processos midiáticos em espaços abertos são dominantes e responsáveis pela construção da subjetividade de multidões, países, continentes, sob a égide do marketing.

Os referidos *Conceituadores* do marketing, com as ilusões e as alegrias que acreditam criarem voltadas para mercado, insistem em evidenciar, numa apropriação indevida, o conceito de *Diferença* dos produtos, e isso, contando com o potencial da informação e da comunicação nos processos midiáticos. Estes funcionam como catalizadores e promotores do consumo e vêm contribuindo e estimulando um “diferente” e sutil processo de dominação social, dificultando, assim, a emergência de uma nova visão de mundo, uma nova ética, um devir-outro, uma *Diferença de natureza* nos processos sociais.

Resumo 2

Diferença como Inclusão Estética: reflexões sobre cultura, mídia e afro-descendência no Brasil

Prof^a. Dr^a. Angela Schaun, UPM

Os anos 60 foram marcados por muitos desvelamentos: nudez, feminismo, movimento hippie, movimentos de liberação sexual, lutas minoritárias, rebeldia. O mundo já se anunciava uma aldeia global. Todos os segmentos buscavam um lugar de fala. Entre os desvelamentos, a afirmação de uma estética negra e sua inclusão ética enquanto modo de habitar o mundo é um ponto de conexão desta apresentação com os demais colegas de mesa. Tal visibilidade das minorias e dos “selvagens” ganham expressão e valor de verdade somente em plena modernidade dos séculos XVIII e XIX: as multidões oprimidas. A indústria cultural como fenômeno imanente ao processo de industrialização e urbanização do ocidente, produz estratégias simbólicas, políticas e ideológicas para lidar com tais multidões. Estas multidões, por sua vez, engrossam o tecido social das cidades, criando fluxos e contra-fluxos de comunicação.

Os sentidos do projeto iluminista de humanidade, igualdade e fraternidade estavam contidos numa visão de universalidade: o ser (homem), branco e ocidental. Nessa visão não estava contida a alteridade, o outro era assim o selvagem. A idéia de



verdade científica e indústria cultural são processos de uma hegemonia ocidental e eurocêntrica, cujas práticas educativas e sistemas de inclusão social, trazem uma visão de mundo descentrada. Esse processo tem repercussões muito fortes na formação cultural brasileira e afirma-se como prática social e política na modernidade tardia dos trópicos. Ser negro, afro-descendente no Brasil é uma marca indelével de injustiça como também uma marca de sobrevivência sagrada. O sistema de educação do projeto nacional excluiu historicamente a *afro-descendência* enquanto modelo do humano e do universal, reservando-lhe um lugar: o território invisível da exclusão da multidão.

Os demiurgos do Brasil, Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Hollanda e Caio Prado Júnior, além de Arthur Ramos, criaram a sociologia brasileira e deram sentido a esse mal estar civilizatório que é o auto-reconhecimento do povo brasileiro. Porém, é no contemporâneo que a visão de ser negro adquire consistência midiática, de modo singular na Bahia que marca a Beleza Negra com ações inclusivas dos Grupos Culturais Afro-descendentes de Salvador da Bahia, pelo Ilê Aiyê, o Olodum, o Ara Ketu, o Malê de Balê, a Timbalada, a Pracatum e tantos outros. As minorias ganham consistência e aumentam a sua exibição nas imagens midiáticas. As minorias tornam-se multidões. Os fluxos e acelerações que permeiam as imagens das mídias deixam claro que o pensamento não é mais uma questão prioritária para a sociedade da informação. O espaço midiático no contemporâneo ocupa o lugar que a pedagogia e a educação ocuparam na revolução industrial. McLuhan já refletia a questão quando anunciava que “os efeitos das tecnologias não ocorrem no nível de opiniões ou conceitos, mas alteram os índices de sensibilidade ou modos de percepção rapidamente sem qualquer resistência” (McLUHAN; FIORE, 1969, p. 21). Existe uma energia própria nessas entidades baianas afro-descendentes ao buscar re-criar o seu lugar de pertença, seu território. A essa energia chamamos de *articulações comunicativas*. As articulações comunicativas são agenciamentos coletivos, são as cadeias semióticas, enquanto estratos, conforme Deleuze e Guattari (1995, p. 15).

Um movimento germinado na Comunicação, na mediatização, onde se compartilha, onde pode ser político, tudo pode ser visível e reconhecível. Assim, a comunicação é também um movimento de reterritorialização, de re-significação no âmbito da educação, não mais como único avatar para uma humanidade, mas como um campo político com e para a formação da cidadania. Deleuze e Guattari (1995) argumentam que o Ocidente tem uma relação intrínseca com a transcendência por conta da agricultura enquanto processo civilizatório de uma linhagem escolhida com muitos



indivíduos variáveis. Já o Oriente, *pratica a horticultura de um grande número de indivíduos remetendo a uma grande gama de “clones”*, o que implicaria em uma cultura de tubérculos que procede por fragmentação de indivíduo. Os autores não exemplificam o território africano no seu texto, porém, numa ousadia, estamos colocando como suposto que haveria uma analogia entre a formação “rizomática” oriental e o que podemos observar nos grupos afro-descendentes vindos para a Bahia. Existe como que um afastamento, um por entre parênteses, a criação confinada em espaços fechados, os terreiros, como os nômades nas estepes. É talvez esse sentido que se apresenta como elemento vivificador da ancestralidade permitindo que possa servir de seu elemento estratificador e desterritorializador no conceito deleuziano, como que torne imanente a saída e entrada, para depois encontrar-se no meio, entre as coisas.

A grande complexidade do oprimido enquanto problematização pela sua marca de individualidade é a busca de sua singularidade enquanto devir, o embate permanente entre o que faz e o que é, a luta para não ser o branco, pois historicamente tudo o que fazia era *sancionado* pelo senhor no regime escravocrata. A busca atemporal do sagrado é a experiência que se repete sempre e remete ao paradoxo entre a sua natureza e as conexões e relações que estabelece com a sua estirpe, com o meio em que vive, o que produz de satisfação e de bens materiais. Numa perspectiva mais sociológica, Muniz Sodré esclarece:

O racismo é uma das designações possíveis para o muro cognitivo e estésico (de estesia ou estese, enquanto controle da vida sensível, das superfícies sensoriais do corpo, do direcionamento adequado do olhar). Ele diz que guarda essa pele, ultrapassável apenas pela vigorosa mobilidade territorial do Outro. Contornar esse desdobramento violento do mal-estar individualista, que é o racismo, implica engendrar lugares de trânsito (ético-políticos) entre as singularidades (SODRÉ, 1999, p. 264).

Em última análise, mercado e cultura são as esferas do contemporâneo que transgridem ao conceito que aporta unicamente uma abordagem ou interpretação mecanicista ao modo de produção capitalista. Mercado e cultura são, assim, esferas autônomas de tensão semiótica que vão produzir as novas estratégias da economia do desejo, uma espécie de revolução molecular do desejo no contexto sócio-histórico. Félix Guattari, com a colaboração de Suely Rolnik, problematiza esta questão da cultura traduzindo-a radicalmente nos seus aspectos tensivos e dinâmicos:

O que caracteriza os modos de produção capitalísticos é que eles não funcionam unicamente no registro dos valores de troca, valores que são da ordem do capital das semióticas monetárias ou dos modos de financiamento. Eles funcionam também através de um modo de controle da subjetivação, que eu



chamaria de “cultura de equivalência” ou de “sistemas de equivalência na esfera da cultura”. Desse ponto de vista o capital funciona de modo complementar à cultura enquanto conceito de equivalência: o capital ocupa-se da sujeição econômica, e a cultura, da sujeição subjetiva (GUATTARI, 1986, p. 16).

Nesse sentido, Guattari resgata o valor da complexidade semiótica das etnologias propondo que, na estrutura hegemônica do capitalismo, a cultura adquire valor estratégico, porém que se dilui no dinamismo e nas singularidades da produção sociopolítica:

(...) a cada alma coletiva (os povos, as etnias, os grupos sociais) será atribuída uma cultura. (...) é preciso saber que povos e etnias não vivem as atividades de semiotização separada daquela da cultura. Elas sabem que produzem música, dança, atividades de culto, de mitologia etc., e descobrem isto sobretudo quando as pessoas vêm lhes tomar a produção para expô-la em museus ou vendê-la no mercado de arte ou para inseri-las nas teorias antropológicas científicas em circulação. Mas elas não fazem nem cultura, nem dança nem música. Todas estas dimensões estão inteiramente articuladas umas as outras num processo de expressão, e também articuladas com sua maneira de produzir bens, com sua maneira de produzir relações sociais (GUATTARI, 1986, p. 18-19).

Esta abordagem contém o entendimento da categoria ‘cultura-mercadoria’, que, de forma objetiva, produz e difunde mercadorias culturais. Assim, pensar a questão da cultura no contemporâneo é pensar intrinsecamente no composto de uma complementaridade e inter-relação entre núcleos semânticos propostos por Guattari, da cultura espírito, cultura valor e cultura mercadoria. Nessa perspectiva, Guattari afirma que a produção da subjetividade capitalística tem como característica uma concepção reacionária que apresenta uma cultura com vocação universal, controladora das forças coletivas social e de trabalho, cuja lógica paradoxalmente sustenta e produz a ascensão de subjetividades de setores de cultura minoritária dos indivíduos, das famílias, dos grupos sociais, enfim das minorias.

O que caracteriza os novos movimentos sociais não é somente uma resistência contra esse processo geral de serialização da subjetividade, mas também a tentativa de produzir subjetividades originais e singulares (GUATTARI, 1986, p. 45).

No caso da Bahia, a essa *produção de subjetividades originais e singulares* é o que chamamos de *inclusão estética da diferença* são transversalidades culturais reproduzidas na mídia que se encontram plasmadas em falas, ritmos e gestos tatuados nas almas das minorias sociais, marcadamente de *influência afro-brasileira*, mas fantasmaticamente embevecidas nas liturgias eurolusitanas e perfumadas nos segredos



tupiniquins, produzindo manifestações genuínas, marcadas por um aspecto humano de anterioridade, reconhecida a partir de transfigurações dos significados, dos símbolos, representantes e alegorias, traduzindo linguagens múltiplas e várias “Bahias”. E como diz Guattari (1986), tais “...etnias e grupos sociais não vivem essas atividades como uma esfera separada.”

São “*Bahias*” apresentadas pelas memórias de autores e atores sociais anônimos muitas vezes, vindos do Sertão ensolarado e seco que vão cantando a Quixabeira, música que deu origem à releitura do *Axé music*, apropriada pela indústria da cultura, hoje ditando consumo local, regional, nacional e internacional. É o samba de roda do Recôncavo. É a capoeira, luta e dança, como se lutar fosse dançar e dançar fosse viver plenamente.

Resumo 3

Diferença e Comunicação Intercultural

Prof. Dr. Mohammed ElHajji, ECO-UFRJ

A exposição proposta para esta mesa busca, de um lado, mapear as condições gerais de estruturação do campo da Comunicação Intercultural (*CIC*) no mundo atual e, por outro lado, extrair o significado político e social das trocas interculturais na sociedade contemporânea. Acreditamos, de fato, que a apreensão desse tipo de discurso pode fornecer indícios valiosos para a compreensão das transformações sociopolíticas pelas quais está passando a nossa época, apreender a dinâmica intercultural enquanto componente essencial de nossa realidade e fornecer subsídios analíticos para a localização de eventuais conflitos dessa natureza; em curso ou em latência.

A Comunicação Intercultural é, sem dúvida, um reflexo repleto de significados das mudanças estruturais e organizacionais que afetaram o nosso mundo contemporâneo em decorrência do processo de globalização e, antes deste, em consequência da firmação das bases da sociedade moderna industrial e da extensão do sistema capitalista à maior parte do planeta; inclusive através das colonizações européias e seus conhecidos efeitos sobre a geografia humana, social, política e cultural do planeta.

Pois, em nossa época, organizada em torno da Informação e cuja principal característica é o deslocamento do *locus* de disputa pelo poder para a esfera comunicacional, a *CIC* pode servir de instrumento para medir e avaliar as relações interculturais e prever ou prevenir eventuais conflitos em incubação entre os diferentes

grupos culturais componentes da sociedade e/ou entre um determinado grupo e a sociedade geral. Já que os meios de comunicação comunitária cultural contêm em si elementos semióticos e semânticos que traduzem sua visão do mundo e seus projetos políticos e sociais.

Primeiro, há de salientar que a realidade sociopolítica contemporânea é profunda e irremediavelmente marcada pela flagrante inadequação entre os planos nacional-estatal e cultural-identitário. Os fluxos e refluxos migratórios devidos aos processos de colonização e descolonização, assim como à explosão de setores econômicos e industriais usuários de mão de obra numerosa e/ou de competências específicas, deixaram rastros definitivos na topografia social da maior parte do planeta. A utópica homogeneidade cultural, confessional, étnica ou lingüística, que sustentava os ideais nacionais e nacionalistas herdados da alta modernidade, não passa mais de um referencial abstrato relegado aos manuais da História positivista.

Inúmeros estudos demonstraram, ao longo do século, que o fato intercultural é central para qualquer esforço de compreensão das transformações sociais em curso. Apesar de todas as estratégias de sistematização da experiência humana e de seu enquadramento no projeto jacobino, de neutralização dos anseios de singularidade e de diferença, as manifestações identitárias acabaram se impondo como pólo aglutinador das subjetividades e base de organização comunitária de segmentos importantes da sociedade.

Desde o início do século passado, percebeu-se que a interculturalidade tornava-se cada vez mais a regra da realidade social das grandes metrópoles de que um fenômeno excêntrico passageiro. A organização comunitária a caráter cultural (incluindo suas vertentes lingüísticas, religiosas, étnicas, etc...) não se limitava mais à máfia ou à culinária, mas sim impregnava até as atividades tidas como racionais e impessoais ao exemplo dos bancos e das organizações empresariais.

A identidade étnico-cultural (que pode incluir elementos nacionais, lingüísticos e/ou religiosos), em especial, se revelou um poderoso catalisador ideológico, capaz de secretar complexos mecanismos de estruturação da vida social sob todas as suas formas. Funcionando, notadamente, como molde (parcial ou predominante) dos quadros simbólicos que estabelecem os critérios de reconhecimento e as regras de conduta dentro do próprio grupo e nas relações com o resto da sociedade. O desejo de diferenciação das comunidades humanas é, com certeza, inerente a seus próprios processos de auto-organização e de afirmação enquanto entidades coesas e coerentes.



Assim, ao se estruturarem em torno de seus sistemas comuns de classificação e de representação do real, através de seus respectivos sistemas de comunicação e suas instâncias de enunciação de sua identidade coletiva, os grupos sociais visam a instituição e a perpetuação de uma marca distinta capaz de consolidar seus interesses materiais, ideológicos e afetivos.

Portanto, no afã de assegurar a sua continuidade e se impor enquanto diferença diante outras formas sociais, a comunidade cultural é obrigada a definir seu projeto existencial e delimitar seus campos e níveis de operacionalidade; notadamente através de seus sistemas e meios de comunicação tanto internos como externos. Inversamente, os marcos identitários da comunidade contêm em si um conteúdo reflexivo e uma dimensão comunicativa que determinam seu posicionamento político e social no quadro geral da sociedade.

Todavia, essa multiplicidade dos quadros identitários que, com certeza, é uma preciosa fonte de riqueza simbólica, pode também ser (e geralmente é) portadora de conflitos latentes ou manifestos e incompatibilidades potenciais ou expressas em termos de lealdade e de reconhecimento, tanto ao nível abstrato dos valores culturais e civilizacionais como no plano organizacional concreto de atitudes e comportamentos sociais e políticos.

Neste sentido, a *CIC* tem um duplo valor social e científico. Além de servir de interface social intercomunitária, ela constitui um quadro epistêmico capaz de efetivar as condições teóricas e analíticas necessárias para a apreensão do significado dos fluxos migratórios a partir de seus rastros comunicativos. Enquanto horizonte epistemológico, *CIC* pode oferecer um plano reflexivo altamente operacional, seguro e confiável para manobras teóricas inéditas e audaciosas, capazes de trilhar profundamente a complexidade sociopolítica da época contemporânea e retratar de modo bastante fiel o emaranhado geocultural da era global.

Resumo 4

Mídia e ecologia: do ambientalismo antropocêntrico ao ecologismo biocêntrico

Prof. Dr. Leonel Azevedo de Aguiar, PUC-Rio

O impacto das novas tecnologias de informação na cultura contemporânea pode ser avaliado ao se descreverem as transformações que ocorrem nos sistemas de pensamento na passagem da modernidade para a contemporaneidade. A virtualização



dos sistemas de pensamento em decorrência dessas novas tecnologias lança questões no campo da política e da ética, especialmente em relação ao processo de produção de subjetividades e às delimitações entre o humano e o não-humano, isto é, entre cultura e natureza. Se a cultura emerge como o lugar de criação da diferença, torna-se importante determinar em que medida as interações entre as tecnologias de informação e as atuais estruturas de experimentação do espaço-tempo produzem e condicionam o que, contemporaneamente, podem ser o homem e o mundo. Entendemos, portanto, a comunicação como um fenômeno que estrutura a cultura e, ao mesmo tempo, possibilita o aparecimento da diversidade cultural, não sendo apenas um objeto do conhecimento científico (AMARAL, 1996, p. 151-160).

A comunicação não é, nessa perspectiva teórica, um “desobjeto fantasmático” (NEIVA, 1990, p. 11) e sim uma produção de sentido que possibilita “estar no mundo junto de outros” (AMARAL, 1993, p. 39). Abandonados os fundamentos científicos da comunicação, sobra a vinculação entre o *eu* e o *Outro* (TODOROV, 1991, p. 4). O *eu* e o *Outro* remetem ao jogo de identidade e diferença, onde a construção da identidade se dá pela relação com a alteridade. Este jogo de identidade e diferença tem, entre suas diversas expressões ao longo da História, a delimitação entre cultura e natureza, onde natureza é o *Outro* da cultura. Ou entre os homens e o mundo, que é um modo extremamente moderno de referir-se a este jogo identidade/diferença. A comunicação é, portanto, um dispositivo estruturante da existência que possibilita ao homem, não só estar no mundo junto a outros homens, como também construir as relações dos homens com o mundo.

Nos modos de relação existentes entre os homens e o mundo está implícita uma determinada modalidade de comunicação. Neste sentido, a relação com a territorialidade – a terra transformada em território simbólico comum – é uma marca das comunidades tradicionais. A tradição é exatamente caracterizada por este movimento de territorialização, enquanto que a modernidade é o momento histórico que produz os fluxos desterritorializantes. Da tradição, buscamos uma narrativa mítica da relação do *eu* com o *Outro*, apresentada pela tradição nagô. A narrativa conta uma experiência vivida em uma comunidade-terreiro do *Axé Opô Afonjá*: um *ogã* – título de um membro desse culto religioso afro-brasileiro – abraça o tronco de uma árvore, dirige-lhe certas palavras pedindo licença e, só então, arranca-lhe um broto. Esta atitude de harmonia ecológica está contida na cosmovisão dessa tradição, que pede respeito com os animais, as plantas e os minerais. Podemos interpretar este abraço à árvore como sendo uma



forma de preservação da tradição: “abraçar a árvore e a tradição é o mesmo ato de reafirmação da ordem cósmica” (SODRÉ, 1990, p. 3).

Na modernidade, a marca distintiva do que define o humano se dá pela demarcação da cultura como “reino” das leis que controlam os objetos e a natureza – o Outro – enquanto o “reino” dos objetos. Cultura e natureza, homem e mundo, sujeito e objeto são duas identidades substanciais e também diferenças de identidades. Já a contemporaneidade, que irrompe a partir da segunda metade do século XX, traz como uma de suas principais características, a produção incessante do novo e um regime de indiferenciação – acabam-se as fronteiras – e de indiferença – onde a pergunta pela diferença não faz mais sentido. Interessa-nos ver como as fronteiras modernas entre natureza e cultura ruíram ou se atenuaram contemporaneamente.

A diluição das fronteiras modernas entre natureza e cultura que ocorre na contemporaneidade modifica a relação do homem com a verdade e com o modo de experienciar o espaço-tempo. Entendemos que a questão ecológica, enquanto risco global, pode ser percebida como uma, entre outras, das diversas séries de signos que indicam esta diluição. Pensar a distância entre a modernidade e a contemporaneidade é colocar em confronto o discurso antropocêntrico moderno – isto é, a ética do antropocentrismo – com os discursos “pós-modernos” biocêntricos – ou seja, a ética do biocentrismo –, tal como pretendemos realizar nesse trabalho. “Descrever esta transformação ética também é um meio de avaliar o impacto dos meios de comunicação em nossa contemporaneidade” (VAZ, 1997, p. 295). A questão emerge da metodologia genealógica foucaultiana: para que os desastres ambientais e as catástrofes ecológicas ganham um destaque jornalístico cada vez maior na mídia?

Em suma, esse trabalho analisa a formação discursiva do biocentrismo na contemporaneidade a partir das propostas e ações do movimento ecológico. Munido de ferramentas teóricas da analítica foucaultiana, visa descrever, pelo jogo das comparações, o sistema das correlações funcionais de um discurso ao outro: do ambientalismo antropocêntrico moderno ao ecologismo biocêntrico “pós-moderno”. Além de descrever as transformações do discurso ecológico na cultura comunicacional contemporânea, esse trabalho sustenta a seguinte hipótese: o biocentrismo expressa uma ética da reverência e do cuidado para o radicalmente Outro ao criar as condições de possibilidade para superar a crise “pós-moderna” do princípio da identidade oriunda da expulsão da alteridade.



Referências bibliográficas

ALSINA, Miquel Rodrigo. Cuestionamientos, Características y Miradas de la Interculturalidad. **Sphera Publica**, Murcia/Espanha: Universidad Católica San Antonio, n. 4, 2004.

AMARAL, Márcio Tavares d' *et alii*. Comunicação e Cognição: as Novas Tecnologias e a Mediação Generalizada da Cultura Comunicacional Contemporânea. In: AMARAL, M. T. (org.). **Contemporaneidade e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996. p. 151-160.

AMARAL, M. T. Crise das Teorias da Comunicação. In: PEREIRA, C.A.M.; FAUSTO NETO, A. (orgs.). **Comunicação e Cultura Contemporânea**. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

APPADURAI, Arjun. **Global Ethnoscapes: Notes and Queries for a Transnational Anthropology**. Santa Fé: School of American Research Press, 1991.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na Casa de Meu Pai**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BALIBAR, E.; WALLERSTEIN, I. **Race, Nation, Classe: les Identités Ambigües**. Paris: La Découverte, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.

BRANDÃO, Carlos R. **Identidade Étnica: Construção da Pessoa e Resistência Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EdUSP, 2003.

_____. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. 1, vol. 3, vol. 5. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995, 1996, 1997.

_____. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed.34, 2000.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed.34, 2000.

DELEUZE, G.; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

ELHAJJI, M. Comunicação, Cultura e Novas Formas de Conflituosidade. **Sphera Publica**, Murcia/Espanha: Universidad Católica San Antonio, n. 4, 2004.

FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**. São Paulo: EdUSP, 2000.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GALISSOT, René *et alii*. **L'imbroglie ethnique**. Paris: Payot, 2000.



- GUATTARI, F. **Caosmose**: um Novo Paradigma Estético. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.
- _____. **As Três Ecologias**. Campinas: Papirus, 1999.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GOMES, Angela de Castro (org.). **Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- HALPERN, C.; RUANO-BORBALAN, J-C. (orgs.). **Identité(s)**: L'Individu, le Groupe, la Société. Auxerre: Éditions Sciences Humaines, 2004.
- LESSER, Jeffrey. **A Negociação da Identidade Nacional**. São Paulo: EdUNESP, 2001.
- McLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **O Meio são as Massa-gens**. Rio de Janeiro: Record, 1969.
- MEINTEL, Deirdre. Transnationalité et Transethnicité chez des Jeunes Issus de Milieux Immigrés à Montréal. **Revue Européenne des Migrations Internationales**, v. 9, n. 3, 1993.
- MOYNIHAN, D. P. **Pandaemonium**: Ethnicity in International Politics. New York: OUP, 1993.
- NEIVA, Eduardo. **Comunicação**: Teoria e Prática Social. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- NETO, Helion Povia *et alii* (orgs.). **Mundos em Movimento**: Ensaio sobre Migrações. Santa Maria: EdUFSM, 2007.
- PAIVA, Raquel. **O Retorno da Comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: EdUNESP, 1999.
- SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**. Identidade, Povo e Mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. Cultura Negra e Ecologia. **Papéis Avulsos CIEC**, Rio de Janeiro: Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro, n. 2, 1990.
- TAYLOR, Charles. **Multiculturalisme**: Différence et Démocratie. Paris: Aubier, 1994.
- TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América**: a Questão do Outro. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VAZ, Paulo. **O Inconsciente Artificial**. São Paulo: Unimarco, 1997.